CDU 92

# DOM LUÍS ANTÔNIO DOS SANTOS — O APÓSTOLO DO CEARÁ

Fernando Câmara

A História Eclesiástica do Ceará registrou no corrente mês o centenário da transferência de nosso primeiro Bispo, Dom Luís Antônio dos Santos, para a Sé Primacial da Bahia, através do Decreto Imperial de 13 de maio de 1881.

Posteriormente, o Imperador Pedro II o agraciou com o título de Marquês de Monte Paschoal, em face do conceito desfrutado pelo nosso virtuoso Pastor junto ao monarca brasileiro.

A nova designação, por demais honrosa e merecida, traduzia o reconhecimento do Governo pela dinâmica ação do digno antístite nas terras do Ceará, durante o longo e profícuo episcopado, com início em 1861, sete anos após a criação do nosso Bispado, ocorrido em 1854.

A Bahia era, na oportunidade, sede da única Província Eclesiástica do País, tendo os demais bispados brasileiros como sufragâneos.

Somente a 27 de abril de 1892, mediante a Bula "Ad universitas orbis ecclesis" do imortal Pontífice Leão XIII, foi a Igreja do Brasil dividida em duas Províncias, a do Norte, com sede na Bahia, e a do Sul, estabelecida no Rio de Janeiro.

Eram sufragâneos da primeira os Bispados do Amazonas, Pará, Maranhão, Goiás, Ceará, Paraíba e Pernambuco.

As Dioceses de São Paulo, Mariana, Diamantina, Cuiabá, Rio Grande do Sul, Niterói e Curitiba integravam a Província do Rio de Janeiro, que teve como primeiro Arcebispo o espanhol Dom João Fernando Tiago Esberard, antigo Bispo de Pernambuco.

Dom Luís Antônio dos Santos foi, até hoje, o único ocupante do Sólio Cearense a ser transferido para outra Arquidiocese. Todos os seus sucessores encerraram o episcopado como resignatários da Mitra de Fortaleza.

O Instituto do Ceará, tendo como uma das principais metas cultivar a história de ilustres personagens e de importantes acontecimentos, não poderia olvidar esta significativa data.

Como palestrante de hoje, gostaria de evocar a figura do grande Bispo, tão relegado ao esquecimento pelas nossas autoridades eclesiásticas, ele que deu tudo de si para o bem da Igreja Católica e do povo cearense!

* * *

Retornemos agora aos idos de 1839, quando eclesiasticamente a Província do Ceará se encontrava ligada à de Pernambuco e figurava como Bispo de Olinda Dom João da Purificação Marques Perdigão, de origem portuguesa e um dos seus mais abnegados Pastores.

Foi o único Prelado do Sólio Pernambucano a visitar pastoralmente o território cearense, percorrendo os nossos sertões em autêntica mensagem de Fé e tentando corrigir abusos ocorridos no clero.

As escassas crônicas existentes dessa missão pastoral lembram-nos as medidas punitivas aplicadas a sacerdotes por acintoso desrespeito à obediência do celibato.

Este lamentável estado de coisas deve ter-lhe impressionado bastante, e acreditamos haja sido o ponto de partida para estudos da criação da Diocese do Ceará, onde a presença constante de um bispo pudesse sanar tão tristes ocorrências.

Entretanto, quinze anos passariam ainda para que fosse criado o nosso bispado (1854), ocupando a mitra de Olinda o mesmo Dom João da Purificação Marques Perdigão.

Somente após sete anos da sua criação, em 1861, tomaria posse o nosso 1º Bispo, Dom Luís Antônio dos Santos, o grande Pastor que a Providência Divina escolheu em boa hora para dirigir os destinos da Igreja Cearense.

Dele iremos nos ocupar em nossa palestra de hoje.

Natural da cidade fluminense de Angra dos Reis, onde veio ao mundo no dia 17 de março de 1817, Dom Luís Antônio dos Santos era filho do piedoso casal, Salvador dos Santos Reis e Maria Antônia dos Santos Reis.

Sob a orientação dos pais, teve os primeiros estudos. Depois, cursou latinidade com Frei Manuel do Monte Carmelo.

Ao atingir a idade de quinze anos, foi admitido na Casa Pia da Santíssima Trindade, da Ilha Grande, exemplar estabelecimento de ensino destinado a jovens pobres e fundado pelo virtuoso servo de Deus, Irmão Joaquim do Livramento.

Encontrava-se na direção da Casa Pia o lazarista Padre Antônio Ferreira Viçoso, mais tarde Bispo de Mariana, que se tornou guia espiritual e responsável pela vocação eclesiástica do nosso primeiro Bispo.

Algum tempo depois, foi este sacerdote nomeado Reitor do Seminário do Caraça, tradicional estabelecimento de formação religiosa, fundado pelo misterioso e discutido Irmão Lourenço. Após a morte deste, o Seminário foi doado por Dom João VI à Congregação dos Filhos de São Vicente de Paulo.

Acompanhando o seu mestre, para lá seguiu também o jovem Luís Antônio dos Santos, decidido a tornar-se padre lazarista. Chegou mesmo a ingressar no noviciado, mas teve de abandoná-lo, por falta de saúde.

Quando retornou ao Seminário, foi para ser mesmo sacerdote do hábito de São Pedro, vindo a se ordenar no dia 21 de setembro de 1841.

A imponente solenidade litúrgica verificou-se na Capela do Paço Episcopal do Rio de Janeiro, oficiando a cerimônia o Bispo Diocesano, Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo — Conde de Irajá.

O jovem sacerdote veio a cantar sua primeira missa na primeira dominga de outubro, na Igreja Matriz da Ilha Grande.

Depois de rever os familiares e gozar merecidas férias, o Padre Luís Antônio dos Santos retornou ao Seminário do Caraça passando a colaborar no seu magistério e em missões das Paróquias da Diocese.

Ocorrida a vacância da Mitra de Mariana, o Padre Antônio Ferreira Viçoso foi nomeado seu Bispo Diocesano.

Uma das primeiras providências do novo Pastor foi nomear o Padre Luís Antônio dos Santos Reitor e Professor de

Teologia do Seminário de Mariana (1843). E mais tarde, Cônego da sua Catedral (1846).

Sentindo a necessidade de aprimorar os conhecimentos, viajou com destino à cidade de Roma, onde se doutourou em Direito Canônico (1848-1850).

Teve como companheiros de viagem dois ilustres sacerdotes, futuros colegas de episcopado, os Padres Pedro Maria de Lacerda e João Antônio dos Santos, o primeiro tornou-se Bispo do Rio de Janeiro; e o segundo, de Diamantina.

Estes três sacerdotes foram os primeiros brasileiros a se doutorar na Cidade Eterna.

Concluído os estudos, o Cônego Luís Antônio dos Santos retornou a Mariana, permanecendo ali como um dos mais eficientes colaboradores de Dom Antônio Viçoso.

Tendo o Padre João Quirino Gomes, professor do Seminário da Bahia, recusado a mitra do novo Bispado do Ceará, para o qual fora indicado, o Imperador Pedro II tratou de escolher outro candidato. Apresentou à Santa Sé, em 31 de janeiro de 1859, o nome do Cônego Luís Antônio dos Santos para a Diocese Cearense, merecendo confirmação do Pontífice Pio IX no Consistório de 28 de setembro de 1860.

Conforme já tivemos oportunidade de manifestar nesta Casa da História, não se pode negar o empenho do nosso monarca na indicação escrupulosa de dignos sacerdotes para o desempenho do múnus episcopal na Igreja do Brasil.

Haja vista os grandes vultos que integraram o Episcopado Imperial no século passado, responsáveis, em sua maioria, pela reforma do clero e consolidação da Fé católica do povo brasileiro.

Coube a Dom Antônio Ferreira Viçoso a satisfação de sagrar o seu discípulo na Catedral de Mariana, em solenidade imponente, realizada no dia 14 de abril de 1861.

Por procuração concedida ao Cônego Antônio Pinto de Mendonça, vigário de Quixeramobim e último Visitador do Bispo de Pernambuco para o Ceará, Dom Luís tomou posse da sua Diocese em 16 de julho daquele mesmo ano.

Desembarcou em Fortaleza no dia 26 de setembro, fazendo a entrada festiva na velha Catedral, a 29, data consagrada a São Miguel Arcanjo.

Assumindo o Governo da Diocese Cearense, seu primeiro cuidado foi reformar a Igreja Matriz da antiga Paróquia de São José, a velha Sé, templo este demolido depois no epis-

copado de Dom Manuel da Silva Gomes, para dar lugar à atual catedral.

Encontrando também clero escasso e decaído, por falta de formação espiritual, como assinala Monsenhor Bruno Figueredo em seu trabalho "os primeiros bispos do Ceará", tratou logo da fundação do Seminário da Prainha, exercendo a sua reitoria até a chegada dos padres lazaristas, seus antigos mestres no Caraça.

Para a formação da mãe cearense, futuro celeiro das vocações religiosas, Dom Luís obteve a vinda das Irmãs de Caridade, e por meio delas foi criado o Colégio da Imaculada Conceição, bem como o Orfanato para jovens desamparadas.

Além das incontáveis visitas pastorais realizadas ao sertão, promoveu missões em todas as Paróquias, comandadas por notáveis pregadores, como Frei Serafim de Catânia e Padre Ibiapina, cuja fama de missionários ainda hoje repercute em todo o Nordeste brasileiro.

Desejando incrementar as vocações sacerdotais, criou na cidade do Crato outro Seminário, cuja construção o levou repetidas vezes ao Cariri.

Com tanta abnegação e dinamismo na chefia do nosso Bispado, muito cedo Dom Luís Antônio dos Santos começou a colher os frutos de tão brilhante episcopado: no dia 30 de novembro de 1867, festa do Apóstolo Santo André, confere com muita emoção o presbiterato a doze alunos do Seminário da Prainha. Mais tarde, em 9 de março de 1873, teve a alegria de sagrar bispo o Padre Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, nomeado para a Diocese de S. Paulo.

No dia 8 de dezembro de 1869, vamos encontrá-lo na Cidade Eterna, em companhia de outros bispos brasileiros, participando ativamente do Concílio Vaticano I, promovido pelo Papa Pio IX. Acompanhou-o nessa viagem ao Velho Mundo o Reitor do Seminário, Padre Pedro Augusto Chevalier.

Mas, é nas terríveis secas de 1877 a 1879, quando milhares de cearenses sucumbiam dizimados pela fome e a varíola, que o abnegado Bispo deu o testemunho de seu grande amor ao próximo, excedendo-se em verdadeiros atos de heroísmo, pondo em perigo a própria existência.

Sobre tão edificante comportamento, demos a palavra ao saudoso Monsenhor José Quinderé, figura por demais lembrada de muitos dos presentes, o qual, em seu trabalho "História Eclesiástica do Ceará", relata a atuação de Dom Luís no flagelo cearense daqueles anos:

"E foi na calamitosa época de 1877 a 1879 que a caridade do ínclito Pastor se tornou mais ativa e vigilante, quando a fome e a peste, em pacto de morte, juravam exterminar de Fortaleza a vida humana, pois num só dia 1.008 óbitos se verificaram provocados pela varíola. Por muitos anos ficaram na lembrança do povo os atos de heroísmo do grande Bispo, cuja dedicação aos pobres atingiu as raias da temeridade, quando corria a visitar os doentes nos lazaretos e barracões que os acolhiam, socorrendo-os, animando-os, chegando às vezes, a deitar-se, a fio comprido, nas esteiras que forravam os pestosos, para falar-lhes, ao ouvido, das promessas do céu.

Diante desse espetáculo de ruínas, Dom Luís fez o voto solene de consagrar a sua Diocese ao Sagrado Coração de Jesus, dedicando-lhe um templo, o que realizou, edificando ali, defronte do "Parque da Liberdade", hoje "Cidade da Criança", a bela igreja, agora renovada, que teve por primeiro capelão Monsenhor Antônio Xisto Albano, de saudosa memória, e agora é dirigida pelos incansáveis capuchinhos, que tantos benefícios de ordem espiritual e moral vêm prestando à nossa cidade."

A realização dos seus grandes feitos repercutiu além das fronteiras cearenses, chegando mesmo ao conhecimento do Imperador Pedro II, que tinha pelo nosso primeiro Bispo muita estima e admiração.

Durante o seu longo e profícuo episcopado, a nossa Diocese tornou-se uma das mais florescentes do Brasil, com clero renovado, novas paróquias, tendo Dom Luís conferido o presbiterato a nada menos de 208 sacerdotes.

Quando em 6 de novembro de 1879 faleceu Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo, 17º Arcebispo da Bahia, após ocupar, dois anos apenas, a mitra da Boa Terra, o nosso diocesano é apresentado para seu sucessor.

Apesar de recusar formalmente em carta dirigida ao Governo Imperial, teve porém a indicação confirmada pelo Pontífice Leão XIII, através da Bula Papal de 13 de maio de 1881.

É comovente a carta pastoral de despedida ao povo cearense, onde diz sentir profundamente esta separação "da esposa de seus primeiros amores", expressão com que traduzia o grande amor à sua querida diocese, na qual desejava dormir o derradeiro sono.

A seu convite, coube ao Bispo do Maranhão, Dom Antônio Alvarenga, presidir, na velha catedral de Fortaleza, à ce-

rimônia de imposição do pálio, símbolo da sua nova dignidade arquiepiscopal, como Arcebispo Primaz da Bahia.

Partindo para Salvador, fez a entrada festiva na catedral baiana no dia 7 de agosto de 1882. Oficialmente, já havia tomado posse, desde 20 de outubro do ano anterior, por procuração outorgada a Monsenhor Manuel dos Santos Pereira, futuro Bispo de Pernambuco.

Tal como aconteceu no Ceará, e não obstante sexagenário, o seu episcopado ali se destacou por notáveis realizações nos setores apostólico e social.

Condoendo-se da lamentável situação em que se encontrava a velha Sé, solicitou e obteve ajuda imperial para restaurá-la.

Reformou o plano de estudos do Seminário, entregando a administração daquela casa de formação religiosa aos antigos mestres do Caraça, os padres lazaristas, que assumiram a sua direção em 1888, através do Padre Clavelin.

Amigo do clero, fundou um abrigo destinado aos padres, para quando estes não pudessem mais exercer o ministério sacerdotal.

Enquanto dirigiu a Igreja baiana, escreveu nada menos de dez cartas pastorais ao seu rebanho.

Surgindo o episódio de Canudos, não faltou com o seu grito de alerta contra a pregação de Antônio Conselheiro.

Ainda prometia Dom Luís ativo episcopado. Mas, atacado de paralisia, que o imobilizou todo o lado direito do corpo até o rosto, não pôde realizar todos os seus planos.

Mesmo assim, com espírito superior aos sofrimentos do corpo, continua no desempenho do cargo, agora acolitado por um Bispo Auxiliar, que a Santa Sé lhe concedeu em 7 de março de 1888, na pessoa de Dom Joaquim Arcoverde Cavalcanti, mais tarde nosso primeiro Cardeal.

Hemiplégico, mas vigilante, Dom Luís foi um dos primeiros bispos brasileiros a se preocupar com a situação da Igreja Católica em nosso País, após a ascensão do regime republicano.

Amigo de Pedro II, não deixou porém de enviar esta mensagem ao Presidente da República, implorando as bênçãos divinas para o seu Governo:

"O Arcebispo da Bahia, com o seu clero, saúdam na pessoa do General Deodoro o novo regime estabelecido e imploram as bênçãos do Céu sobre os esforços dos filhos da terra de Santa Cruz pela prosperidade e felicidade da mesma."

Depois, tomando conhecimento de que o regime republicano se preparava para separar a Igreja do Estado, escreveu aflitiva correspondência ao primeiro Chefe do Executivo brasileiro, manifestando preocupação diante de tão delicado assunto.

Deodoro, inspirado talvez neste dramático apelo, recomendou a Rui Barbosa "serenar reflexão" no desate do rumoroso caso, resolvido mais tarde, da melhor maneira possível para a Igreja, agora sob o comando de Dom Antônio Macedo Costa, novo Arcebispo da Bahia.

Agravando-se o seu estado de saúde, Dom Luís apresentou o pedido de renúncia da chefia da Igreja baiana, sendo concedido no Consistório de 26 de junho de 1890.

Retirou-se então para o Palácio da Penha, onde veio a falecer alguns meses depois, ou seja, no dia 11 de março de 1891.

Teve sepultura na Capela do Santíssimo Sacramento, da Catedral de Salvador.

Tanto a Bahia como o Ceará sentiram a morte deste abnegado Pastor, que dera tudo de si para o bem da Igreja de Cristo e dos rebanhos que lhe foram confiados.

O Instituto do Ceará jamais o esqueceu. Presta-lhe com estas palavras homenagem de gratidão e reconhecimento ao grande Apóstolo do Ceará do século passado!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ALBUM Histórico do Seminário Episcopal do Ceará 1864-1914.

CALMON, Pedro. **História da Igreja no Brasil.**

CÂMARA, Fernando. **Os Bispos de Fortaleza.**

FIGUEREDO, Mons. Bruno. **Os Primeiros Bispos do Ceará.**

FURTADO, S. J., Pe. Aloísio. **Influência da religião no Ceará.**

OS PASTORES da Bahia. **Boletim da Arquidiocese de São Salvador.**

QUINDERÉ, Mons. José. **História eclesiástica do Ceará.**